

GOVERNO

Gasolina e diesel terão misturas modificadas

Devido ao conflito envolvendo o Irã, que se reflete no preço mundial do petróleo e de derivados, Lula deve autorizar maiores adições de álcool e biodiesel aos combustíveis

» VICTOR CORREIA

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva deve autorizar, hoje, o aumento da mistura do etanol à gasolina — passará dos atuais 27% para 30% — e do biodiesel ao diesel, que pode subir de 14% para 15%. A mudança visa, sobretudo, reduzir a importação de combustíveis num momento de instabilidade internacional, em função da crise no Oriente Médio que envolve o Irã e ameaça influenciar nos preços do petróleo e dos derivados. O resultado das misturas pode se refletir no custo final para o consumidor, com a redução do preço principalmente da gasolina.

As análises técnicas foram concluídas pelo Ministério de Minas e Energia (MME) e a medida é considerada viável. Mas precisa ser oficializada pelo Conselho Nacional de Política Energética (CNPE), de cuja reunião Lula participa hoje.

A mudança favorece setores da agropecuária e, também, ajuda a reduzir a dependência de combustíveis fósseis. Além de Lula, também participam do encontro o ministro de Minas e Energia, Alexandre Silveira, e representantes das 16 pastas que compõem o CNPE. Em março, o ministério publicou o estudo que demonstrou a viabilidade da mudança na gasolina e aponta que não há prejuízos para os motoristas em desempenho, consumo, dirigibilidade ou emissões dos veículos.

O Ministério de Minas e Energia estima que a elevação do percentual de álcool à gasolina evitará a importação de 760 milhões de litros do derivado por ano, aumentando a demanda nacional por etanol para 1,5 bilhão de litros. Isso pode proporcionar uma redução de até R\$ 0,13 por litro no preço final da gasolina. No que se refere às emissões de gases, a nova mistura pode causar a redução de 1,7 milhão de toneladas de carbono por ano na atmosfera.

A mudança no percentual da mistura estava no radar do governo federal, mas a escalada do conflito no Oriente Médio antecipou

Ed Alves/CB/DA.Press



Aumento da presença do etanol pode trazer uma redução de até R\$ 0,13 no preço da gasolina para o consumidor

30%

é o percentual de álcool a ser adicionado à gasolina. No caso do diesel, a mistura pode sair de 14% para 15% de biodiesel

os movimentos. Com o ataque dos Estados Unidos às instalações nucleares do Irã, no fim de semana, o preço do petróleo no mercado internacional chegou a subir 5%.

Dependência

Há uma preocupação no governo sobre a dependência da

importação de petróleo e derivados. Um aumento nos preços internacionais pode pressionar a inflação no Brasil — e isso se refletir na popularidade do presidente e do governo. Apesar de ser um dos maiores produtores de petróleo do mundo, o país importa cerca de 10% da gasolina que consome e 25% do diesel. A adição de 30% de álcool à gasolina pode tornar o Brasil autossuficiente no combustível, pois exportará mais do que importa.

No caso do diesel, o aumento da mistura foi discutido na reunião do CNPE de fevereiro. À época, o conselho decidiu manter o percentual em 14% para não impactar a inflação dos alimentos.

Isso porque, ao contrário da gasolina, o preço do diesel tende

a subir com adição de mais biodiesel à mistura. Como o combustível representa cerca de 35% do valor do frete, a mudança dificultaria o combate à alta dos preços de alimentos no início do ano. Além disso, há a preocupação com o impacto do aumento no percentual do biodiesel no funcionamento dos motores, pois há registros de problemas mecânicos decorrentes da mistura.

A adição progressiva do uso de combustíveis verdes está previsto na Lei do Combustível do Futuro, sancionada por Lula em outubro do ano passado. Segundo a legislação, até 2023 o percentual de etanol na gasolina vai chegar a 35% e o de biodiesel no diesel, a até 25%.

QUESTÕES DE IMAGEM

Maquiagem põe Érika na mira dos bolsonaristas

» DANANDRA ROCHA
» WAL LIMA

A deputada federal Erika Hilton (PSol-SP) tornou-se alvo de representações no Ministério Público Federal (MPF) e no Conselho de Ética da Câmara dos Deputados depois de nomear dois maquiadores para cargos comissionados em seu gabinete. A denúncia partiu do deputado Paulo Bilynskyj (PL-SP), que acusa a parlamentar de uso indevido da estrutura pública para fins pessoais.

De acordo com os documentos protocolados ontem, os assessores Índy Montiel da Cunha Rocha e Ronaldo Camargo Hass foram nomeados como secretários parlamentares, mas, segundo Bilynskyj, exercem prioritariamente atividades estéticas para a deputada. Para a oposição, a conduta configura ato de improbidade administrativa e quebra de decoro parlamentar.

O deputado Zucco (PL-SP), líder da oposição na Câmara, disse ao *Correio* que “o Parlamento não pode ser convicte com esse tipo de prática”. E “quem usa dinheiro público para contratar cabeleireiros no gabinete deve responder com todo o rigor da lei.”

Hass foi nomeado em maio e recebe salário de R\$ 9,6 mil. Montiel, por sua vez, foi contratado em junho, com remuneração de R\$ 2,1 mil. Bilynskyj solicita que o MPF abra inquérito para apurar eventuais prejuízos ao erário. No Conselho de Ética, a oposição pede que Hilton seja investigada por violação do Código de

Mario Agra/Câmara dos Deputados



Eles não foram nomeados por me maquiarem, e sim por contribuírem muitíssimo com a minha atuação parlamentar”

Trecho da nota do advogado da deputada Érika Hilton sobre a colocação de dois maquiadores como assessores parlamentares

Ética e Decoro Parlamentar, o que pode culminar em sanções como censura ou até a perda do mandato.

“Invenção”

Procurada pelo *Correio*, a deputada respondeu por meio de

nota enviada pelo escritório do advogado Flávio Siqueira, que atua em sua defesa. Ela classificou a acusação como “invenção” e afirmou que os dois assessores desempenham funções institucionais relevantes num mandato — como a elaboração de relatórios, atuação

em comissões e articulações com a sociedade civil.

Segundo Erika, eles também a maquiaram eventualmente, por afinidade e amizade pessoal, sem que isso tenha relação com as nomeações. “Eles não foram nomeados por me maquiarem, e sim por contribuírem muitíssimo com a minha atuação parlamentar”, salientou.

A contratação de maquiadores por figuras da política não é um episódio isolado. Conforme uma reportagem da revista *Veja*, de 2023 — cujo o título é “Deputados usam verba da Câmara para contratar maquiadores e stylists” —, parlamentares como a deputada Benedita da Silva (PT-RJ) e a senadora Eliziane Gama (PSD-MA) utilizaram recursos da cota parlamentar ou da estrutura de gabinete para contratar profissionais de beleza em agências públicas.

A ex-presidente Dilma Rousseff também contou com os serviços do maquiador Celso Kamura, custeados por verbas oficiais durante compromissos institucionais.

A ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro também contava com os serviços de maquiagem e imagem executados por Agustín Fernandez, que, inclusive, a acompanhava em agendas internacionais — como no funeral da rainha Elizabeth II — e fazia questão de registrar tais momentos nas redes sociais. Os serviços eram incluídos no orçamento do Palácio do Planalto.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br



Trégua de Trump entre Israel e Irã não para guerra em Gaza

Com proclamações de vitória de todos os envolvidos, inclusive do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, a trégua entre Israel e Irã se manteve durante todo o dia de ontem, apesar das acusações mútuas de que, na segunda-feira, houve violações de parte a parte. O presidente do Irã, Masoud Pezeshkian, e o comandante das Forças de Defesa de Israel (IDF), general Eyal Zamir, reconheceram publicamente o acordo imposto pela Casa Branca, depois de um alerta de Trump contra novos ataques de Israel contra o Irã, que ameaçava revidar com novos mísseis e drones. A trégua não incluiu, porém, as operações de Israel em Gaza, que massacraram a população civil, ao combater o Hamas. Os palestinos estão órfãos.

Na guerra de versões, o primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, afirmou que Israel alcançou uma “vitória histórica” após 12 dias de conflito, mas que ainda precisa concluir sua campanha contra o “eixo do Irã” — derrotar o Hamas e garantir o retorno dos reféns em Gaza. Do lado do Irã, Pezeshkian também classificou o desfecho como uma “grande vitória” para Teerã. “O Irã retaliou oficialmente à nossa destruição de suas instalações nucleares com uma reação muito fraca, o que esperávamos e que combatemos com muita eficácia”, disse Trump, na rede Truth Social, após se reunir com o Conselho de Segurança Nacional da Casa Branca.

A trégua é frágil. Há muitas dúvidas sobre a real situação do programa nuclear iraniano, principalmente o destino do estoque de urânio enriquecido. Ainda não estão estabelecidas as condições para uma paz duradoura. Segundo analistas norte-americanos, o fornecimento de eletricidade e parte do maquinário foram danificados, mas a estrutura física das instalações subterrâneas não foi completamente destruída. O secretário de Defesa dos Estados Unidos, Peter Hegseth, porém, garante que o ataque ordenado por Trump “foi concluído com sucesso” — ou seja, o programa nuclear iraniano foi devastado.

A trégua será submetida a um teste de verdade quando o mistério sobre o estoque de urânio enriquecido do Irã tiver que ser esclarecido. Segundo o *The New York Times*, fontes da inteligência americana afirmam que parte desse material pode ter sido transferida para instalações secretas de enriquecimento, fora do alcance das bombas. O ataque dos EUA contra instalações do Irã, no sábado, atrasou o programa nuclear do país “em apenas alguns meses”, segundo o jornal. O pretexto para os ataques foi a suposta ameaça de produção de uma arma nuclear no prazo de apenas três meses.

Segundo a Agência de Inteligência de Defesa (DIA, na sigla em inglês), os ataques selaram as entradas de dois dos três locais atingidos — Fordow, Natanz e Isfahan —, mas não chegaram a colapsar suas estruturas subterrâneas. Israel trata o programa nuclear iraniano como uma ameaça existencial. Trump garante que o Irã “jamais reconstruirá suas capacidades nucleares”. Signatário do acordo de não-proliferação de armas nucleares, o Irã tem direito a desenvolver um programa nuclear com fins pacíficos, mas Israel não admite essa possibilidade, embora tenha armamento nuclear e não faça parte do acordo, como o Paquistão e a Coreia do Norte.

Novos paradigmas

Israel anunciou que concordou com a proposta de cessar-fogo após “atingir os objetivos” de seus ataques ao Irã, ao infligir danos severos à liderança militar, entre os quais centenas de agentes Basij, a milícia iraniana, e matar outro cientista nuclear sênior. “Israel agradece ao presidente Trump e aos EUA por seu apoio à defesa e sua participação na eliminação da ameaça nuclear iraniana”, diz o comunicado.

Em grande inferioridade aérea, o Irã fez o que pode para obter o cessar-fogo, inclusive avisar aos EUA, com antecedência, que lançaria mísseis em retaliação aos ataques norte-americanos às usinas nucleares. O ministro de Relações Exteriores do Catar, Seyed Abbas Araghchi, negociou o acordo. O emirado abriga a principal base militar norte-americana no Oriente Médio, que foi bombardeada cenograficamente pelo Irã.

Trump considera o cessar-fogo uma grande vitória diplomática dos EUA — um deputado republicano até propôs o nome do presidente para o Prêmio Nobel da Paz. Entretanto, a geopolítica mundial já estava abalada pelas guerras da Ucrânia e de Gaza, e nunca mais será a mesma. Depois dos ataques dos EUA ao Irã, houve mudanças de paradigmas diplomáticos, a partir da ideia de Trump de que a paz somente será alcançada pela força, e de estratégias militares, em razão da guerra cibernética, aviação não tripulada e artilharia de alta precisão, combinada à guerra assimétrica e atuação dos serviços de inteligência para eliminar fisicamente cientistas e chefes militares.

Para alguns, uma nova ordem internacional se impõe, em termos econômicos, políticos e militares. As guerras na Ucrânia, em Gaza e a escalada militar entre Irã e Israel, com envolvimento dos EUA, mudaram os paradigmas de defesa contemporâneos. Refletem transformações tecnológicas, geopolíticas e doutrinárias, e reconfiguram a forma como os Estados pensam e conduzem a guerra no século XXI. O uso maciço de drones e de inteligência artificial, e o papel estratégico da cibernética, tornaram obsoletos conceitos de dissuasão clássicos, como guarnição de fronteiras e profundidade de território. Há guerras por procuração, urbanas, subterrâneas, de atrito e prolongadas.

Tudo isso precipita uma nova guerra fria, com o rearmamento acelerado da Europa contra velhos inimigos, como a Rússia, a Turquia e o Irã. Será inevitável a projeção de poder naval e aéreo da China, potência continental emergente, que estava quieta no seu canto.